

A BELEZA EM O RETRATO DE DORIAN GRAY - THE PICTURE OF DORIAN GRAY DE OSCAR WILDE

Jacques Laberge¹

Oscar Wilde escreveu um breve prefácio para seu livro *O retrato de Dorian Gray*, dirigindo-se diretamente aos críticos literários. Chamou-me muita a atenção, e isso abriu a trilha para meu trabalho, que, nas primeiras 10 linhas, o autor se refere à "beleza" sete vezes. O artista é o criador de coisas belas e o crítico literário deve dar sua impressão de coisas belas. (...) Aqueles que encontram significações feias em coisas belas são corruptos sem ser charmosos. É um erro. Quem encontra belas significações em belas coisas são cultos. Para estes, há esperança. São os eleitos para quem coisas belas significam somente Beleza. Não existe essa coisa de livro moral ou imoral. Livros são bem ou mal escritos. A moralidade da arte consiste no uso perfeito de um meio imperfeito. (...) Jamais um artista é mórbido. E após se referir à beleza da arte da escrita, Oscar Wilde alude à música e ao teatro. Esta última arte terá seu destaque no romance através da figura da Sibyl, embora o texto enfoque a arte do pintor e do objeto de seu trabalho, Dorian, um belo jovem (1). Wilde escreve em março de 1891: Meu romance vai aparecer no próximo mês, estou curioso em ver se estes jornalistas miseráveis (*wretched*) vão atacá-lo de modo tão ignorante e desregrado como fizeram antes. Meu prefácio deve lhes ensinar a corrigir suas maneiras infames (*wicked*) (225). No decurso do romance, Oscar Wilde usa um de seus personagens para afirmar: De todos os povos do mundo, os ingleses tem menos sentido da beleza da literatura (42). Propõe ao leitor e, sobretudo, ao crítico literário, como guia de seu trabalho, uma ética da beleza.

Chama atenção tanto a insistência sobre "a beleza" quanto à agressividade de Oscar Wilde em relação aos críticos.

¹ Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: jacqueslaberge1@gmail.com.

Beleza de Dorian

O primeiro personagem a aparecer é o dominador, Lord Henry, admirando a "beleza" de uma árvore florida, Henry que vai comandar o destino da beleza de Dorian Gray. O segundo personagem não é Dorian, mas seu retrato, mais importante do que sua pessoa, em divisão com ela, retrato de um jovem de extraordinária beleza pessoal. O próprio Dorian faz sua entrada somente no segundo capítulo. O terceiro personagem do primeiro capítulo é o pintor Basil Hallward, e seu sorriso de prazer contemplando, narcísicamente apaixonado, a forma graciosa e bonita do retrato de Dorian Gray (1).

Lord Henry estimula o pintor a exhibir a melhor obra que fez até hoje, mas Basil recusa por ter colocado neste retrato demais de si-mesmo (2). Henry discorda desta comparação entre, de um lado, este Adônis feito de ébano e flor de rosas (...) um Narciso e, do outro lado, um intelectual como Basil, que, quando pensa, se torna só nariz ou fronte e acaba com qualquer beleza, sendo esta o privilégio de pessoas que não pensam, como Dorian ou os homens da Igreja (3). Associar beleza e burrice é o preconceito usado normalmente pelo machismo para agredir as mulheres, ilustrando quanto à referência ao belo serve para as agressões mais simplórias.

Passa-se da beleza da arte, aquela do escritor, sobretudo, tema do prefácio, para a beleza que prevalece no primeiro capítulo, a beleza física. O pintor explica o efeito desta beleza sobre ele: cada retrato pintado com emoção é o retrato do artista, não do modelo. Isto é, o pintor se encontrou narcísicamente em Dorian. Na primeira vez que conheceu Dorian Gray, sentiu algo como um terror frente a uma personalidade tão fascinante que (...) absorveria minha inteira natureza. Afirma: sempre fui meu próprio mestre (...) até encontrar Dorian Gray (6). Basil sublinha, em três aspectos, sua identificação narcísica com Dorian: colocou demais de si próprio; o retrato é do artista; fascinante, Dorian absorveria a inteira natureza de Basil.

Lord Henry, jovem homem rico desocupado como Dorian, alia sua bela voz a um discurso cínico e perverso. Eis algumas de suas declarações: um dos encantos do casamento é o que faz a vida de decepção absolutamente necessária para ambas as partes (4); um homem pode ser feliz com qualquer mulher enquanto não a ame (180); maneiras são mais importantes do que a moral (142); consciência e covardia são realmente a mesma coisa (6). Henry que prefere pessoas sem princípios tenciona usar

seu belo palavreado para enfeitiçar Dorian e transformá-lo no típico homem sem princípios.

O pintor Basil tem o mérito de ser um homem de trabalho e de moral, mas é fixado narcísicamente em Dorian, como o ilustram estes seus comentários: há somente duas eras de importância na história do mundo. A primeira é o aparecimento de um novo meio para a arte, e a segunda é o aparecimento de uma nova personalidade para a arte também. O que a invenção da pintura a óleo foi para os Venezianos, a face de Antinous para a escultura grega, a face de Dorian Gray será um dia para mim (10). E Basil o descreve: sua beleza é tal que a arte não pode expressá-la (...). Um sonho de forma em dias de pensamento (...) toda a paixão do espírito romântico, toda a perfeição do espírito que é grego (...) a maravilha pela qual sempre ansiei e da qual sempre senti falta (10). Basil reconhece que colocou demais de si próprio no retrato e que, por isto, o mundo não deve ver nunca o retrato de Dorian Gray (11), obstáculo ao sentido abstrato da beleza. Como Lord Henry lembra que o gênio dura mais do que a Beleza e por isto vai chegar um dia em que Basil vai ficar indiferente a Dorian, Basil reage: enquanto viver, a personalidade de Dorian Gray vai me dominar (12). Quando Henry encontra Dorian pela primeira vez: Sim, ele era certamente magnificamente bonito com seus lábios escarlates finamente curvados, seus olhos azuis francos, seu cabelo encaracolado dourado. (...) Não há que se admirar que Basil Hallward o venerasse. E Henry diz ao próprio Dorian: *você é charmoso demais para ir para a filantropia (...) assunto tedioso* (15-16). Impressionado pela beleza de Dorian, Henry acaba concordando com o culto prestado por Basil a Dorian, pois servirá a seus fins de manipulação. Descrito como jovem gracioso com o rosto romântico cor de oliva e uma voz lânguida que era absolutamente fascinante (21), Henry fica tão transtornado pela beleza de Dorian que chega a mudar sua teoria sobre a beleza, até então privilégio de quem não pensa: *você tem um rosto maravilhosamente belo (...) e a Beleza é a forma do Gênio - é mais alta, de fato, que o gênio, porque não precisa de explicação* (21).

É somente após ter visto o retrato praticamente terminado que Dorian sofreu o golpe da exaltação narcísica: o sentido de sua própria beleza lhe veio como uma revelação (25). Basil, realizando-se narcísicamente neste retrato, se confundido com ele, fixa Dorian em sua própria contemplação narcísica. Dorian lamenta que vá ficar velho e horrível enquanto o retrato permanecerá jovem, anunciando uma espécie de pacto diabólico em favor da eterna beleza da juventude: se fosse eu que ficasse sempre jovem

e o retrato que ficasse velho! Para isto – para isto – eu daria tudo. (...) estou com ciúme do retrato que você fez de mim (26). Basil reclama da má influência de Henry que acabava de afirmar: Pecado é o único elemento colorido que resta na vida moderna (29). Debatem sobre "o real Dorian", o do retrato ou da vida e descobrem que seu rosto evoca a beleza de sua mãe. Esta havia casado com um homem pobre, morto a mando do pai dela. Henry considera Dorian a graça e pureza da infância e a beleza dos antigos mármores gregos (...) tentaria dominá-lo (...), faria seu este espírito maravilhoso (36). Assim, ele assume, em relação a Dorian, o lugar do grande Outro, isto é, conforme a definição de Lacan, a função de canalha.

A Beleza da Arte do Teatro

Surge Sibyl Vane, a namorada de Dorian. Atriz das peças de Shakespeare é considerada como um gênio por Dorian a quem Henry pede de não casar, enumerando sua lista de preconceitos contra as mulheres e as relações com elas: mero sexo decorativo; não tem nada a dizer; triunfo da matéria sobre o espírito; pessoas que amam somente uma vez na vida são superficiais; sua fidelidade é letargia ou falta de imaginação (47-49). Imediatamente antes, Dorian havia expressado sua submissão a Henry (46) e, seguindo as recomendações do mestre, se apaixona não por Sibyl, mas pela atriz: Hoje ela é Imogen e, amanhã, Julieta. Quando será Sibyl? Pergunta Henry. Nunca, responde Dorian. Parabéns, termina Henry, radiante por ouvir de seu aluno-escravo a lição perfeitamente decorada: Mulheres comuns nunca apelam à imaginação de alguém (...). Quão diferente é uma atriz. De Julieta, elogia o rosto como uma flor e os olhos poços violetos de paixão, acrescentando: você me disse uma vez que o *pathos* deixa você intocado, mas que a beleza, pura beleza, pode encher seus olhos de lágrimas. Dorian admite a curiosa influência de Henry e declara: Se ocorrer que pratique um crime, virei e confessarei a você (50-51), futura confissão que revelaria o efeito extremo da canalhice do grande Outro. E aqui a exaltação da beleza da arte mal disfarça a agressividade mortífera estimulada no discípulo por seu mestre e que já vai atingir uma vítima, Sibyl. Dorian se despede de Henry porque Imogen está esperando por ele. Imogen, investida de toda a beleza da arte, está matando Sibyl. Dorian é um caso de pesquisa para Henry: certamente poucos têm causado nele tanto interesse quanto Dorian. (... que) era em grande parte sua criação. (...) Era um encanto olhar para ele

(57). A mãe de Sibyl dizia que sua filha não devia pensar em nada senão em representar (59). Mas Sibyl investe no amor provocando o ciúme do pintor Basil. Henry é fascinado por seu estudo de Dorian e pelo efeito de sua influência. Dorian tenta reagir: O simples tocar das mãos de Sibyl Vane me faz esquecer todas suas teorias erradas, fascinantes, venenosas, deliciosas (...) você é terrível. Não sei por que amo tanto você! E Henry o esclarece: represento todos os pecados que você nunca teve a coragem de cometer (77,79). Enquanto isto, Basil acaba aceitando Sibyl porque ela pode criar o sentido da beleza em pessoas cujas vidas tem sido sórdidas e feias. (...) Obrigado, Basil (...) sabia que você me entenderia. Harry é tão cínico, me aterroriza, replica Dorian. Este leva seus dois amigos ao teatro, quando Henry reconhece em Sibyl uma das mais belas criaturas que ele havia visto. No texto, o próprio narrador se diz encantado com sua beleza. Mas naquela noite, Sibyl fracassa como artista, porque, após descobrir o amor por Dorian, havia começado a detestar o palco. Basil lembra que amor é algo mais bonito do que arte (84). Mas Dorian, durante três horas de duração da peça, viveu séculos de sofrimento, eternidade sobre eternidade de tortura, e no fim da peça, diz a Sibyl: você é superficial e estúpida. Meu Deus! Como foi uma doídice amar você! Que louco fui! Você não é nada para mim agora. Não vou nunca mais ver você. Nunca mais pensar em você. Nunca mais mencionar seu nome (86).

Após este desabafo arrasador, Dorian volta para casa e observa pela primeira vez que, no retrato, havia um toque de crueldade na boca (...) como se estivesse olhando no espelho após ter feito algo terrível. Dorian lembra então seu comentário a Basil que sua própria beleza permaneceria intocada, e que o rosto na tela carregaria o peso de suas paixões e de seus pecados (90). (...) A pintura possuía o segredo de sua vida, e dizia sua história. Havia ensinado a ele amar sua própria beleza. Será que ensinaria a desprezar sua própria alma (...). Agora a pintura estava olhando para ele, com seu belo rosto marcado (*beautiful marred face*) e seu sorriso cruel. (...) Ele não viria mais Lord Henry – e não ouviria, a nenhum preço, estas súteis, envenenadas teorias (...) voltaria para Sibyl Vane, se emendaria, casaria com ela, tentaria amá-la de novo (91-92). Dorian lhe escreve uma carta. Decisão tardiamente inútil, pois Sibyl havia se suicidado ingerindo ácido: estranho que minha primeira carta de amor apaixonado, a escrevi a uma moça morta, comentário que destaca o traço tipicamente obsessivo do desejo impossível (99). Avançando na realização do discurso perverso de Henry, Dorian afirma: Esta coisa (...) não me afeta como deveria. Parece-me um maravilhoso fim para uma maravilhosa peça

de teatro. Tem toda a beleza da tragédia grega (100). E Henry de confirmar: Ha algo belo a respeito dela. Estou contente em viver em um século quando semelhantes maravilhas acontecem. Fazem acreditar na realidade das coisas com as quais jogamos, como romance, paixão e amor (101-102). A absolutização da beleza da arte atinge seu auge numa exaltação unilateral em ruptura radical com a vida. Reina a crueldade. Dorian se acha cruel, mas Henry o desculpa: Temo que as mulheres apreciem crueldade, crueldade direta mais do que qualquer coisa. Elas têm magnificamente instintos primitivos (102), e Henry insiste no aspecto magnífico desta tragédia jacobina, dizendo que Ofélia e Cordeia merecem seu luto e que não deve gastar seu choro com Sibyl Vane. Ela era menos real do que elas (103). Dorian acaba concordando: foi uma experiência maravilhosa. Somente. Pergunto-me com admiração se a vida me reserva ainda algo tão maravilhoso. E Henry estimula Dorian a explorar o potencial de sua beleza: Não há nada que você com sua extraordinária beleza (*good looks*) não seja capaz de fazer. E Dorian agradece o elogio "nunca ninguém me entendeu como você" e exalta Sibyl, magnífica figura trágica enviada para o palco do mundo para mostrar a suprema realidade do Amor. E Dorian enumera agora seus projetos: juventude eterna, paixão infinita, prazeres súteis e secretos, alegrias selvagens e pecados mais selvagens – ele teria tudo isto. Esta lista antecipa a lembrança narcísica: alguma vez, em infantil mangação narcísica, ele beijou, ou simulou que beijava estes lábios pintados que agora sorriem tão cruelmente para ele. Manhã após manhã, ele sentou frente ao retrato admirando sua beleza, quase enamorado dele (...) este retrato seria para ele o mais mágico dos espelhos (105). Logo após a morte de Sibyl, Dorian se deliciou com uma noite de ópera e se vê censurado por Basil. Este é convidado pelo jovem a evitar assuntos horríveis: se alguém não fala a respeito de algo, nunca aconteceu. Basil condena a nefasta influência de Henry que transformou este rapaz simples, natural, afetuoso em homem sem coração (108). E Dorian reconhece que Basil é melhor do que Henry e pede de não abandoná-lo. O pintor comenta: Você se tornou a encarnação visível deste ideal não visto cuja memória assombra a nós artistas como um raro sonho. Venerava você. Ficava ciumento de qualquer artista que falava com você. (...) Eu havia visto a perfeição, frente a frente, e o mundo havia ficado maravilhoso a meus olhos (...). Fiquei com medo que outros conhecessem algo de minha idolatria (...) coloquei demais de mim mesmo no retrato (...). Foi uma doídice imaginar que havia visto qualquer coisa

nele mais do que você ser extremamente bonito (*good-looking*) e que podia pintá-lo (114-115).

A exaltação da beleza idolatrada acarreta efeitos arrasadores, destruidores. A absolutização narcísica de Dorian aparece como revelação (25). Esta revelação pelo retrato pintado por Basil serviu como meio de levantar o recalque sobre a infantil mangação narcísica, pois Dorian evocou a lembrança em que beijava no espelho seus próprios lábios. O pintor, homem bom, trabalhador, engajado na realidade, se perdeu num culto à sua paixão narcísica na figura de Dorian, fixando-o em seu narcisismo. Despertada pelo pintor, a exaltação da beleza é dirigida, manipulada pelo discurso de Henry, cuja profissão se reduz a proferir belos e cínicos discursos. A conjunção do narcisismo infantil, da fixação narcísica provocada pelo próprio narcisismo do pintor, e a manipulação desta beleza narcísica por Henry levam à absolutização da beleza destruidora.

O Espetacular do Retrato e do Livro

Dorian não quer mostrar o retrato para ninguém, e, talvez com razão, pensa Basil, temeroso dos efeitos do próprio narcisismo. De fato, o retrato está bem escondido, na antiga sala de aula fechada e abandonada que servia ao avô, severo, e que evoca somente lembranças de ódio a Dorian cujo pai foi morto a mando deste avô. Em nova articulação da beleza com agressividade, o retrato representante da beleza é guardado na sala do avô odiado. Um pano de cetim do século XVII serve de cobertura para a coisa terrível (...) pior que a corrupção da própria morte (...) o que o verme era para o corpo, seus pecados seriam para a imagem pintada da tela. Estragariam sua beleza (118). Basil poderia ter ajudado a resistir à influência de Lord Henry. (...) O amor que lhe dedicava – pois era verdadeiramente amor – não tinha nada que não fosse nobre e intelectual. (...) Sim, Basil podia tê-lo salvo. Mas agora, era tarde demais. (119). Debaixo do pano purpúreo, o retrato pintado na tela poderia crescer bestial, encharcado, e sujo (...) para quê olhar a corrupção encharcada de sua alma? (122).

Dorian havia firmado um pacto diabólico: o retrato envelheceria e ele permaneceria jovem. A relação especular-narcísica destaca o duplo Dorian-retrato dominado pela relação de admiração e de rivalidade mortífera.

Um novo duplo aparece, um duplo do livro. Trata-se de um livro enviado por Henry, livro venenoso que fascinou Dorian. Narra a história de um jovem parisiense que realizaria todas as paixões e modas de cada século menos do próprio (125-126). Desafio para Dorian: como poderia encarnar este personagem extravagante, externo à própria história de seu século? Afinal, ocupar-se com os encantos da própria beleza é sobrepor-se à história, pois Dorian não envelhece, após ter entregue a seu retrato a função de assumir seus avatares históricos. E o livro sobre o jovem parisiense dá destaque à súbita decaída de uma beleza que havia perdido o que, nos outros e no mundo, havia mais preciosamente valorizado (127). Voltando de suas misteriosas ausências, munido de um espelho, Dorian desdobra a experiência especular, examinando seu retrato da tela comparando-o com sua imagem no espelho: olhando para o rosto malvado e envelhecendo da tela, e agora para o belo rosto jovem do espelho que ria para ele (...) cada vez mais enamorado de sua própria beleza, e cada vez mais interessado na corrupção de sua própria alma (128). Recorria à moda e ao dandismo para assegurar a modernidade absoluta de beleza (129). Dorian propõe uma nova espiritualidade da qual o fino instinto pela beleza devia ser a característica dominante (130).

Rituais católicos, perfumes, música, pedras preciosas, vestimentas e tecidos opulentos, preciosidades, pesquisas sobre a beleza, tantos artifícios para Dorian se proteger do medo de se confrontar em seu retrato com a real degradação da vida, medo mesclado ao meio-fascínio do pecado (140-141). Brigas, conluios com ladrões e falsificadores de moeda vieram aumentar seu charme, este fiel aliado de sua grande riqueza, pois, afinal, maneiras são mais importantes do que a moral e um bom cozinheiro mais do que a mais alta respeitabilidade (142). A ética do belo não se reduz à arte, invade sem limites e domina perversamente a vida. Assim, admirando as pinturas de sua casa de campo, Dorian contempla uma representação da própria figura, a de um rapaz, promotor de orgias, altivo e belo que havia herdado da mãe sua beleza e sua paixão pela beleza dos demais (144). E Dorian se confunde especularmente com o personagem do livro pernicioso entregue por Henry. O livro engrandece a beleza do vício, da chantagem e do assassinato, exalta tiranos e aristocratas sanguinários, de Calígula a Pietro Barli, o "formoso", e revela o fascínio pela variedade dos métodos de envenenamento. Dorian Gray foi envenenado por um livro (...) e considera simplesmente o mal uma moda através da qual poderia realizar sua concepção do belo (147).

Beleza, Insolúvel Conflito.

Chocado pelas informações sobre Dorian e sobre a mais terrível confissão jamais lida que leva num mar de lama este seu rosto puro, brilhante e inocente e sua juventude intocada, Basil tenta intervir (152). Denunciando a influência de Henry, o pintor tenciona ver a alma de Dorian que, lívido diante de tal projeto, pois sua alma é seu retrato escondido, exclama: mas somente Deus pode fazer isto. Neste momento, o gozo do Outro, divino, acachapante, irrompe e toma conta de Dorian: Sentiu uma alegria terrível em pensar que alguém ia compartilhar seu segredo e que o homem que havia pintado o retrato que era a origem de toda sua vergonha seria oprimido para o resto de sua vida com a lembrança odiosa do que havia feito (153). Uma exclamação de horror escapou dos lábios do pintor quando viu na luz fraca o rosto hediondo da tela sorrindo para ele (...) embora o horror não tivesse estragado inteiramente a beleza maravilhosa (155). E Dorian resume seu drama responsabilizando Basil: Quando era rapaz (...) você me encontrou, me adulou, e ensinou-me a ser vaidoso de minha bela aparência. Um dia você me introduziu a um amigo seu que me explicou a maravilha da juventude, e você terminou um retrato meu que me revelou a maravilha da beleza. Basil reage: Que coisa eu venerarei! Tem os olhos do mal (...). Venerarei-o demais. Sou punido por isto. Você se venerou demais, somos ambos punidos O pintor convida Dorian a rezar. Este, invadido pelo real do gozo sem lei quando as palavras não remetem a mais nada, e pelo real da alucinação visual, Dorian grita: estas palavras não significam nada para mim agora. Não vêes que a coisa maldita nos olha mangando? (...) E tomado de incontrolável sentimento de ódio por Basil, o apunhala mortalmente (156-158). Basil, o trabalhador, homem de bem, não pode ser a típica bela alma, pois incentivou, com sua admiração desenfreada por Dorian, a exaltação narcísica, mortífera.

Total a exaltação da beleza, total a destruição. Não basta ter matado Basil. Chantageando um ex-amigo e levando-o a cometer, posteriormente, suicídio, Dorian contrata seus serviços de químico para fazer desaparecer totalmente o corpo inerte de Basil. Mais do que isto, o pintor deve esvaecer até de seu pensamento: começou a se perguntar se ele e Basil Hallward jamais haviam se encontrado (168, 174). Não basta para o pintor uma primeira, precisa de uma segunda morte.

Sentindo-se perseguido, Dorian se refugia na droga, no ópio: embora o perdão fosse impossível, o esquecimento era ainda possível (184-185). Neste antro asqueroso, se defronta com o olhar de Adriano a quem já havia prejudicado gravemente: parecia ver os olhos de Basil Hallward olhando para ele. Repete os sofismas de Henry: Estou cheio de mulheres que amam. Mulheres que odeiam são muito mais interessantes. De todo jeito, a droga é melhor (188). O gozo na droga toma conta, sufocando o desejo. Subitamente, surge James, irmão de Sibyl, que, 18 anos após seu suicídio, pretende vingar a morte de sua irmã. Mas Dorian parece um jovem de vinte anos de idade. Então, James acha que se enganou, pois este homem não pode ser responsável pela morte de Sibyl. Quando melhor informado sobre a eterna juventude de Dorian, dizem que se vendeu ao diabo em troca de um rosto bonito (193), James volta, mas algum caçador equivocado atira mortalmente nele.

Nos últimos capítulos, Henry quer se tornar um pai nomeador: quer batizar de novo todas as coisas. (...) Nomes são tudo. Não brigo nunca com ações. Minha única querela é com nomes (193-194). Insiste em sua tese fundamental: É melhor ser belo do que bom (194). Henry se revela o príncipe da linguagem, dono do discurso perverso a ser realizado por Dorian. Dialogando com a amiga Gladys, a bela Duquesa de Monmouth (193), Dorian diz que está sempre de acordo com Harry. (...) *Mesmo quando ele está errado ?* pergunta ela. Dorian: Harry nunca está errado. Gladys: sua filosofia o faz feliz? Dorian: nunca procurei felicidade. Quem quer felicidade? Procurei prazer (197). Além de repetir, realiza o discurso perverso de Henry que precisa de alguém que passe à ação, Dorian se associa à ladrões e falsificadores de moeda, chantageia, mata e provoca suicídios.

Com receio da morte, pede castigo, não perdão: Sentiu desgosto pela própria beleza e jogou o espelho no chão e o despedaçou com o salto de seu sapato. Era sua beleza que o havia arruinado (...) Sua beleza havia sido para ele nada senão uma máscara, sua juventude um escárnio (220). Pegando a mesma faca que usou contra Basil, apunhalou o retrato. Ouviu-se um grito e uma queda. O grito foi tão terrível em sua agonia que os serventes acordaram apavorados (223). Quando entraram, encontraram pendurado na parede um retrato esplêndido de seu mestre assim como o haviam visto na última vez, em toda a maravilha de sua singular juventude e beleza. Deitado no chão estava um homem morto, em roupa de noite, uma faca no coração.

Estava murchado, enrugado, o rosto asqueroso. Foi somente quando examinaram seus anéis que reconheceram quem era ele, Dorian Gray (224). Assim termina o livro.

A Beleza, de Santo Tomás de Aquino a Lacan

Santo Tomás de Aquino, que popularizou e cristianizou Aristóteles, fala da extinção ou atenuação do desejo pelo efeito da beleza. É um dos aspectos sublinhados por Lacan em seu Seminário 7, *A ética da psicanálise*: além do princípio do bem, existe o belo que vem intimidar, proibir o desejo, embora se conjugue a ele sob a forma de ultraje: parece que é da natureza do belo de ficar, como se diz, insensível ao ultraje. Lacan se refere à fala do analisante que, quando alude ao tema da beleza, seja, por exemplo, musical ou literária, passa à agressão verbal contra algum familiar (278-280). Lacan evoca também o fantasma fundamental em Sade (...) de um sofrimento eterno. No cenário sádico típico, o sofrimento não leva a vítima a este ponto que a dispersa e aniquila. Parece ao contrário que o objeto dos tormentos deva conservar a possibilidade de ser um suporte indestrutível (...) as vítimas são sempre ornamentadas, não somente de todas as belezas, mas de sua flor última que é a própria graça (303-304). E Lacan passa à beleza, ao esplendor de Antígona: a iluminação violenta, o clarão da beleza, coincidem com o momento de ultrapassagem, do Até de Antígona (...). O lado tocante da beleza faz vacilar qualquer julgamento crítico, para a análise, e mergulha as diferentes formas em jogo em uma certa confusão, ou mais precisamente uma cegueira essencial. O efeito da beleza é um efeito de cegueira (327). E o belo resulta da relação do herói ao limite (332).

A cumplicidade da beleza com a pulsão de destruição, com a agressividade, aparece já no prefácio do livro e na carta anterior à sua publicação quando Oscar Wilde considera críticos literários corruptos e incultos. Na carta, os chamava de miseráveis, ignorantes e desorientados por perderem o critério fundamental de seu trabalho. Mais adiante, Oscar Wilde usa a "beleza da literatura" para atacar a falta de sensibilidade dos ingleses: de todos os povos do mundo, os ingleses tem menos sentido da beleza da literatura (42).

Destaca-se do livro a exaltação da beleza narcísica. Basil se realiza narcisicamente na figura de Dorian cujo fascínio absorve sua natureza (6). Ele coloca Dorian como equivalente da própria invenção da pintura à óleo, marcando uma das duas

eras importantes da história do mundo. Afinal, Dorian é a maravilha pela qual sempre ansiei e da qual sempre senti falta (10). Paradoxalmente, Dorian é, ao mesmo tempo, o personagem com quem se identifica e, também, o objeto de seu desejo, não simplesmente o objeto que causa seu desejo, mas objeto que realiza seu desejo, objeto perdido, inencontrável e que Basil acaba encontrando, o objeto que mata seu desejo. Não havendo mais propriamente desejo, que é falta, ausência, morte simbólica, sobra somente a morte, real.

A personalidade de Dorian Gray vai me dominar, comenta Basil (12). Enquanto Henry considera a beleza de Dorian uma forma de gênio (21), a graça e a pureza da infância e a beleza dos antigos mármores gregos (...) tentaria dominá-lo (36). E a própria experiência de Dorian quando se viu pela primeira vez no retrato terminado foi um choque: o sentido de sua própria revelação lhe veio como uma revelação (25). Basil se contempla na beleza que revelou à Dorian, reconhecendo a idolatria. Pela sua beleza, Dorian domina Basil. Narcísicamente fixado na contemplação da própria beleza, Dorian é dominado por ela, beleza exaltada por Henry que domina Dorian. Narciso se contempla extasiado e esta imagem dominadora o mata. A exaltação alegre da contemplação especular provoca agressividade contra a imagem dominadora.

A exaltação da beleza é destruidora. A beleza da arte do teatro esmaga a personalidade de Sibyl: *você é nada para mim* (86). Absoluta, a beleza acarreta destruições: tantos levados por Dorian à perdição, à droga, ao suicídio. O outro duplo especular do livro sobre o belo jovem parisiense exacerba a beleza agressiva que exalta vícios, assassinatos, envenenamentos. Consagra a união do belo com o mal: Dorian Gray foi envenenado por um livro (...), considera simplesmente o mal uma moda através da qual poderia realizar sua concepção do belo (147).

Em Sade, a beleza se vê eternizada, pois a vítima, sempre belíssima, não é morta. Mas há, na cultura popular, associação da beleza com o matar, com o morrer. Há um filme com o famoso ator Michael Caine intitulado "Dressed to kill", vestido para matar. Trata-se de um psiquiatra que responde à sedução de sua mais bela paciente, vestindo-se de mulher para matá-la. Mas a expressão habitual "dressed to kill" é uma expressão popular que decreve uma mulher tão bonita, tão bem vestida que mata os outros de inveja, de admiração. É o poder mortífero da beleza. E há, na linguagem popular brasileira, a expressão "linda de morrer" que mostra que, em assunto de beleza,

estamos no campo do limite: tal mulher é tão bonita que mata seu admirador, ou ainda, tão bonita que nada mais interessa na vida, nenhum desejo tem lugar, só resta a morte.

Real da Beleza

O livro inicia destacando o real da beleza: sua beleza é tal que a arte não pode expressá-la (10). E o real da beleza aparece como o esplendor que cega e que justamente opera a extinção do desejo. A cegueira provocada pela beleza mata o desejo e provoca a explosão do real. Esta beleza ultrapassa os limites do simbólico. Dorian Gray se tornou obstáculo ao sentido abstrato da beleza (11), isto é, à elaboração simbólica. Basil reconhece que foi invadido pelo real da "loucura" (115) idolatrando Dorian que lhe devolve, às avessas, o culto. Como um Deus, Basil viria sua alma, como Deus, Basil é o criador da exaltação de sua beleza. O responsável por tudo o que lhe aconteceu na vida, pois foi Basil que o apresentou a Henry, responsável pelo real da beleza será esmagado pelo real do ódio. Invadido pelo real do gozo, pelo real da alucinação, Dorian não acredita mais no poder das palavras de Basil que reconhece seu pecado e pede a misericórdia divina: estas palavras não significam nada para mim agora. Não vês que a coisa maldita nos olha mangando? (... e), tomado de incontrolável sentimento de ódio por Basil, Dorian o mata. A elaboração simbólica da palavra chegou a seu limite e o real do gozo sem lei conseguiu sufocar o desejo.

Ética da Beleza

Há algo paradoxal a respeito da ética da beleza. Conflitos acirrados entre Oscar Wilde e os críticos o levaram a propor uma ética da beleza: não existe essa coisa de um livro moral ou imoral. Livros são bem ou mal escritos. Importa que um livro seja belamente escrito. Mas como Oscar Wilde ficou exacerbado por comentários de críticos que chama de corruptos e ignorantes, é difícil poder se chegar a algum diálogo e muito mais ainda a um consenso sobre a ética da beleza como critério de leitura de um texto literário. Ficará mais fácil aos críticos entender que a beleza exacerbada como temática do texto "O retrato de Dorian Gray" tenha servido posteriormente à própria condenação de Oscar Wilde, da qual os críticos podem aparecer como cúmplices. A ética da beleza

mesclada à agressão de Oscar Wilde contra os críticos não pode ser alheia à agressão da condenação.

A arte deve ser julgada pela beleza. Nada mais correto. É a ética proposta por Oscar Wilde. Paradoxalmente, o livro apresenta a exaltação narcísica da beleza de Basil que se identifica com o objeto de sua idolatria revelando a Dorian sua beleza a cultuar, o que Henry exalta, estimulando a atos perversos e destruidores. E a beleza da arte do teatro é de tal maneira exacerbada que a atriz é anulada diante do personagem que representa.

Algo paradoxal: Oscar Wilde propõe uma ética da beleza. E o livro mostra como a absolutização da beleza acaba sendo a-ética.

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

The picture of Dorian Gray, Oxford University Press, 1981. Edição inglesa (Quando cito o livro, coloco o número de páginas logo após a citação).

As referências a Lacan provem do Seminário 7, L'éthique de la psychanalyse, (1959-60), Paris, Seuil, 1986.